

Antena

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE SOCIAL

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Red. e adm.: Rua 21 de Abril, 61, (Braz)

Numero avulso: De semana, \$100; a semana, \$300

A inserção de anuncios na 4.ª pagina é feita mediante preços convenienciados

Director: EDGAR LEUENROTE

ENDERGO: CAIXA POSTAL N. 195 - S. PAULO (BRASIL)

ENDERGO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:

ANO, PARA TODO O BRASIL, 10\$000 | SEMESTRE, IDEM, 6\$000

PARA O ESTRANGEIRO, ANO, 15\$000

O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

A farsa

democratica

E mesmo de se lhe tirar o chapéu o tal regimen da democracia.

E o que pra' está a imperar é bem dele um legitimo especimen com todos os seus matadores

Assim é em toda a parte, apenas com alterações na forma. Questão de rotulos varios, unicamente.

Que o povo é quem governa pelos seus legitimos delegados, por ele livremente escolhidos, afirmam os ridiculos históricos politicos.

Na realidade, vê-se, porém, ao que se resume a famosa soberania popular: o povo aparece, quando muito, como figurante.

Inconfundível prova disso tivemos-a ainda agora.

Bons mezes faltavam para terminar o mandato do actual presidente e já se sabia quem o substituiria.

A escolha do novo cacique foi, como sempre, o resultado de baixos conchavos entre os grupos que, dentro do bando, disputam a sua chefia.

A tal comedia da convenção confirmou a vontade do sátrapa supremo, essa nova encarnação de Tarrufo que se aloja nos Campos Eliseos, quando, se humilde fôra a sua situação social, talvez estivesse lá para as bandas do Guapira a malizar as injustiças da sociedade madrastra.

Resta a consagração eleitoral, mas o que isso é, aqui e em toda a parte, sabe toda a gente a quem não falta um bocadinho de bom senso: uma farsa muito reles em que os pobres eleitores representam o papel na nobilitante de comparsas.

Antes assim, pois mais facilmente compreenderá o povo a odiosidade da sua situação e tratará de fazer taboia rasa desse carcomido alcabouço social que está a cair aos pedaços — para depois estabelecer o regimen de igualdade economico-social, onde os parasitas da politicagem não terão a possibilidade de esbanjar com as heitairas de alto bordo, pelos porões dos teatros de luxu, o que falta a maioria laboriosa para satisfazer as necessidades mais urgentes da vida.

BIBLIA VERMELHA

E' para o culto do lar e para o culto da terra, para o culto da escola que devem volver todos os alharas e atenções.

Of formação de um povo não depende do habil manejo das armas assassinas, da obediencia contravinda do soldado; mas da cultura que se der, da educação que se ministrará das gerações em flor.

Of arte, quando não move, quando desperta em nós sentimentos superiores e deliciações revolucionarias. | N. V.

Escos & Notas

QUEM ELE É

Já está nomeado o substituto do ranço conselheiro monarchista que a imbecillidade dos republicanos consagrou como um extraordinario estadista e collocou na chefia suprema desta feitoria.

Ainda não se realizou a eleição, mas essa é uma formalidade dispensavel.

Reuniram-se em solene conluio os quadrilheiros e escolheram para chefe futuro aquelle que actual indicára dentro os seus palacianos mais ridentes.

Quem ele é sabe-o já toda a gente que, tendo o atoramento forte tempo para mal gastar, dispensa alguma atenção á politica.

E, como todo o mortal que nasceu de pais mais ou menos dinheiros, portador da carta de bacharel e dum queixo que está a disputar a primazia á sua devoção pelas onze mil virgens e concomitante padre Faustino.

De uns das multiplex feições da sua extraordinaria individualidade, cujos meritos são tantos que chegam a ser desconhecidos, occupou Estado de S. Paulo nos periodos seguintes:

«O dr. Altino Arantes, ao contrario, não só não deveu ser um intrinseco, um sectorio, como todos os catholicos que levam a pratica do catholicismo ao excessivo notorio a que se dá a vida. Não havia em S. Paulo quem não conhecesse o seu ostentado favor religioso e a sua intima ligação com alguns dos mais reaccionarios representantes do clero paulista.»

«Eccce homo! Tal é o individuo que, como delegado da associação oligarquica consessionaria deste rendoso departamento do Brasil, vai, do castello dos Campos Eliseos, prancha durante quatro annos, a expolição deste paciente povo.»

Unicamente para apontar o futuro inimigo-mór e que de semelhança criatura nos occupamos.

Para o povo pouco importa que o simbolo do poder seja o cavalleiro que dum c. n.º lheirinho transando a sebastianismo ou o queixo dum bacharel a feder sacristia.

ISSO NÃO!

O simpatico vespertino «O Combate, atacando de rijo o novo impo-

to decretado pelo governo, diz que outros fossem os futuros governantes e o povo, ante a perspectiva de bancarrota, supportaria resignado o agravamento da tributação. E escre-

«Afinal, que é o Estado senão o povo mesmo? Ao povo, pois, compete a critica e a censura. Seria escoller dos males o menor.»

Confundir Estado-governo com o povo? Isso é que não! O Estado-governo é a camorra com que a burguesia expolia o povo, a quem cabe o dever de trabalhar pela sua facia.

Escoller dos males o menor seria repelir toda e qualquer tributação, porque todas ellas são odiosas e tyrannicas, pois tendem á manutenção desta sociedade monstruosa que a todos infelicitia.

REGIMEN DA ROLHA

O director do «Parafuso» foi novamente condemnado num processo que lhe moveu a pena de prisão, por ter dito certas verdades desso secretario cuja unica habilidade é posar pe-petadamente para se coadjuvarem contragradas da imbecillidade do sorriso idiota com que tenta encobrir os vandalismos dos seus subalternos.

E o regimen da rolha que se pretende impor á imprensa de combate.

«Queremos que o novo jornal, seguindo a orientação moderna da imprensa independente, seja uma tribuna de livre discussão, para a investigação sincera da realidade e como um dos mais largos reflectores do nosso tempo.»

PULPITO DA NOVA CATEDRAL



— Não exclameis contra o novo «Ele»: «Ad patibulum, ad patibulum».

ANO NOVO

Voltamos á lica quando um novo ciclo gregoriano vai em começo.

Consideramo-nos, pois, dispensados de, em satisfação a um habito corriqueiro, fazer eco ao cboro de maldições ao ano expirante, saudando, com doídas hostanzas o que surgia por entre carat esperanças de dias mais felizes.

Ano novo, vida nova — diz o vulgo ingenuo. Velharia, preconceito, digemos nós.

A vida, como se vê, vai seguitando o seu velho curso: a maioria laboriosa trabalhando, espinhada e sofrendo miserias, para manter na ociosidade uma minoria parasitaria e tyrana.

O ano novo do povo registra-lo á o calendario quando ele, pelo seu proprio esforço, fizer a revolução social, derrubando a hedionda sociedade presente para iniciar vida nova, num regimen de verdadeira liberdade, igualdade e fraternidade, tendo só então as suas boas festas.

O Comercio de S. Paulo publicou este telegrama de Campinas:

«Acho-as entre nós o revmo. Benedito Calixto, que aqui vem fazer uma exposição de pintura.»

Tal é o carotismo do pintor famoso, que já lhe peguegem com o revmo. beneditino mesmo sem o que no allo do carotismo.

O fracasso inevitavel

A campanha militarista iniciada pelo sr. Bilac fracassou ridiculamente. Todo o individuo que, enchergando dois palmos adiante do nariz não se deixa impressionar com discursos retumbantes e doces, previa isso como logico e inevitavel.

O serviço militar obrigatorio no Brasil... O cidadão Olavo quiz divertirse com a gente. Ele mesmo parece não ter tomado a campanha a serio. Se não não teria afofroudo tão depressa o seu entusiasmo pela caserna, na qual via a regeneração do caracter nacional.

Coitado! cansado de lutar pelo ideal de que se fez propagador (pago para esse fim, já se vê), embarcou para a Europa, onde vai repousar alguns mezes das fadigas e dos trabalhos exustivos da propaganda fracassada.

Estamos em época de avacalhamentos; não se deve, pois, estranhar que um poeta principesco se avacalhe tambem... Ricardo.

Impressões de um revoltado

Não faz muito tempo que tive occasião de ler topicos de uma correspondencia intima vinda da Europa, a que dizia ser já agora inevitavel, na França, uma Revolução Social ou, uma monarchia.

Sorri a esta ultima ideia. Entretanto, dada a sua proveniencia, que bem longe ficariam dasta verdade, os meus comentarios. Quanto á primeira só satisfação senti: surpresa, não.

Precisamente, a ideia monarchica aliada na missiva acima, não é mais do que uma observação pessoal sobre a influencia que então alcançara no espirito francez a attitud do rei Alberto da Belgica, que, com a guerra, se tornara o heroi do dia, na Europa occidental.

E se quizessemos juntar mais raciocinios a isso, não passariam, por certo, de meras conjecturas politicas, que bem longe ficariam dasta verdade, de que o missivista perspicaz annuncia antes — a inevitabilidade do advento da Revolução Social.

Porque a Revolução Social na Europa é uma verdade em marcha triunfante: é preciso que todos saibam, que ninguém se faça de desentendido ou sintase tomado de surpresa.

E preciso que todos aqueles espiritos que se foram libertando das mentiras, dos convencionalismos das sociedades e das intuições burguezas, que apocriphamente se dizem democraticas, é preciso que todas aquelas intelligencias que tiverem rompido de vez com os preconceitos de qualquer malizes — topossem o grande acontecimento historico e filosofico, que, mais dias, menos dias, surgirá á face do globo; é necessario que todos o sintam e recebam sem tibiezas de animo, nem vacillações filhas da ignorancia e do erro hereditario.

E preciso limar-se a corrente do stavismo para transitar-se para a Liberdade!

Na escola dos livres não se ensina a ter cautelas mais ou menos timidas, mas se aprende a ser unido porque só a união dá a força e dá a fortaleza; não se cogita de esconder os factos e medir suas consequências, mas de prever estas como o efeito logico de uma causa real, e bombar-se com ellas.

A cauea do povo, do proletariado em geral, da enorme massa dos expoliados, tem sido enterrada, até hoje, por uma politica vesana, astuta e criminosa. Mas o triunfo definitivo da justiça sobre a falsidade de umas tantas ilustres remodelações politicas que se fazem chamar — regimen liberal, democratico, representativo, etcetera, redourando sempre a pilula para ser repimida a revolta do povo, — já de rbar vibrante um tanto de multido, nos dias, men-pencia nos tem demonstrado e apontado individualmente a larga esparta de emancipação economica de tutela politica e governamental, passando a uma livre entendiemento do povo, que todos os dias de todas as neccidades da vida. E, com isto, o advento de uma sociedade melhor, onde reinem a paz, a justiça e a liberdade.

Bemvinda seja, pois, a aproximação da Hora, de que nos fale Bertand no seu Evangelho, e que nos habdear com o advento da Revolução Social.

S. Maria, (R. G. do Sul).

Marques Guimarães.

INTOLERANCIA RELIGIOSA

Sergipe sob a accção da cancerosa tarantula de coroa e de batina

Terpeza de um microscopio continuador dos torosos S. Cirilo e Torquemada — E' preciso estar alerta para amputar a cabeça do repugnante animal

Em local de 26 do mez pretérito o «Jornal do Povo» noticia um vergonhosissimo caso de perseguição religiosa, bem aqui, em nosso desprotegido estado, no municipio de Espirito Santo (santa coincidência!).

Inferre-se da referida noticia que um infame ministro catolico, um abjecto tentaculo do polvo repelente que é o clericalismo em Sergipe, como em toda parte, promove encarnizada perseguição contra adeptos de outras convicções misticas, de alguma forma opostas ás suas.

Este exemplo tão preciso que nos dá o negregado vigario daquela freguezia, é uma amostra dos perversos sentimentos que sempre hbitaram e ainda actualmente continuam a habitar a alma dosos destes exploradores da estultez publica.

A acção torpe do padre Abilio Mendes, atirando sobre a cabeça de alguns adeptos do protestantismo — em sua localidade (como ele secretarios do mesmo credo cristão!) a venenosa picanha segregada pelas glandulas repugnantes da fé grosseira e moribunda que determina seu proceder, é um facto gravissimo para a evolução futura da nossa sociedade.

Presentimios na espessa fumaramada que começa a evolir-se da fogueira, inquisitorial em que serão calcinadas as puecas liberdades que ora possuímos, os dolorosos sintomas de uma profunda regressão já iniciada em nossos valores intellectuaes.

O monstro da superstição religiosa, representado por sua mais poderosa excessencia — o catolicismo romano — reconhece-se poderoso, apto para a victoria das trevas, e empre-né entre nós a preferida tarefa de todos os tempos — occultar pela violencia ou pela velhacaria a luz do livre pensamento, já que extingui-la é impossivel!

A cancerosa tarantula de coroa e batina, corruptora seu valor colectivo, como agremiação homogenea e poderosa que é, e ficou deslumbrada ante a sua onipotencia.

Realizado o balanço dos valores, conhecido o total dos factores dispersos, e prontos para uma colaboração comum, orientada ao mesmo fim, os de letierios elementos clericais aprestam-se para a luta.

O nojento reptil, que vem através das epochas historicas, tolhendo com seu leato rastrear a evolução humana, envenenando os melhores caracteres, desperta em nosso meio, e temendo a aniquilose destruidora das energias accumuladas, movimenta os doces aneis, rasteja em massa compacta, e avança em pavorosa ascendencia!

Nada de novo, e que nos cause estranheza. O facto é simplesmente a repetição de todas as atrocidades contra individuos e povos, de que a historia da civilização está repleta, e cujas responsabilidades subemos recair sobre elementos cristãos. Foge-lhe até o valor fortuito da originalidade.

O vigário Abilio Mendes é um microscopico continuador dos torosos acelerados que foram S. Cirilo, os imperadores cristãos dos tempos primitivos,

Alexandre VI, Torquemadas e milhares de bandidos outros. Não nos venham observar os velhos aduladores do clero, estes centenas de regenerados que vivem a sugar as ferechelas das mamas da vaca cristã, nutrida fartamente com os dinheiros extorquidos ao povo boçal, que o padre indigido constitue uma lamentavel excepção.

Não! repellidos energicamente esta mentirosa alegação. Ministros religiosos perversos, ganunos, assassinos, hipocritas é a regra geral.

Padres honestos? Será isto possivel? Sim é possivel. Existem poucos, rarissimos, e constituem excepções.

E'tas surgem, precisamente, para a confirmação das regras. O scetico Diogenes da satira poderia novamente em nossos tempos passear pela cidades modernas, como fez outrora em Atenas, á procura de um homem, e não encontraria — afirmamos com absoluta certeza — consoladora proporção de padres dignos. Ainda mesmo auxiliado não mais pela lanterna lendaria, porém de uma poderosa fonte de luz de milhares de velas, o filosofo clinico passaria ao verificar que a porcentagem procurada não excede um por cento!

Mas... Que ha de absurdo nisso? Absolutamente nada. A linha de conduta do clero contemporaneo, está em tudo concorde com a tradição historica e o proprio caracter da doutrina. Não tem sido o cristianismo mais intolerante de todas as crencas religiosas?

Não é o proprio Cristo, fundador da doutrina, que se irrita e repele brutalmente o discipulo Pedro, só porque este ousa fazer-lhe uma insignificante observação?

Para que melhor testemunho de intolerancia mística?

O cristianismo tem sido sempre em todos os seculos e em todas as partes, do mais extremo absolutismo e nunca concoudu-se com crencas extranias. Em os países a que foi propagado por seus adeptos, ou venceu destruindo as crencas opostas, pela forma mais cruel e deshuman, ou não logrou acatamento.

Isto explica porque a historia do seu formidavel triunfo, se mostra barbara e sanguinolenta.

CAUTERIOS

«A Lanterna» rediviva

O grande mal, que tem o bom costume De voer hostias e sugar galinhas, Foge, pressura os confundiões, e os gregos Do teu olio tapado com batume!

Faz, sem temer corras e cardeas, A lanterna de novo acenda o lume, Toma do gaudio de temp'ed no gume E põe-se á frente da hante dos cupetas!

Quem é cil e cobardia, que se acovarda, Que os seus vilasas todas enlaurada, E, no aru facho rutilante, trav,

Feito entusiasmado, em dezembro feito, O fogo das infernos, e, no pinto, Voto o comêto de Mestre Salim! Beato da Silva.

O cristianismo nunca quiz admitir outra autoridade que não fosse a sua; e quando o poder temporal escapou-se-lhe das mãos, longe de conformar-se com o novo estado de coisas, inevitável e consequente do ciclo de progresso atingido pela humanidade, ofereceu resistência tenaz e desesperada.

Já Porfírio, o illustre filósofo da escola neo-platonica, e um dos imortais pensadores que deram combate sem tréguas à difusão da superstição judaica nos primeiros séculos, reconhecia a manifestação intolerância do cristianismo, não só contra as religiões opostas, porém contra a cultura humana em geral, afirmando positivamente se este: «uma doutrina hostil à toda a civilização avançada, inimiga de todas as leis do Estado».

(João Alzou, História Universal da Igreja, Vol. I, pag. 174.) Isto passava-se naquela época, (III século) quando os sectários do Cristo não excediam os limites de um miserável rebanho de seres degenerados e estupidos.

Calcula-se, portanto, o que succedeu depois, quando seus continuadores conseguiram entronizar imperadores, e conquistaram a supremacia política sobre os pagãos.

Logo o orgulho apagou-lhes as recordações das perseguições de que pouco antes haviam sido vítimas e metamorfosearam-se em excreváveis verdugos.

Os tempos pagãos foram destruídos, os bens confiscados, os lares criminalmente violados, e os adoradores dos deuses vieram ocupar os lugares que nas carnicifinas dos circo cabiam pouco antes aos cristãos!

Todas estas infâmias se fizeram, e ainda hoje se pretende fazer, por amor ao meigo rabi da Judeia!

Engana-se redondamente quem supor a alicia de domínio absoluto abandonada pelos elementos cristãos.

Se eles não agem abertamente, é porque não podem mais como outrora podiam.

Se eles não retiram a hipocrisia mascarada da bondade sob a qual occultam, forçados, o pueril caracter que possuem, é porque o espirito, surgindo-lhes os movimentos, obriga-os a esconder as ulcerais purulentas de que estão cobertos.

Logo que as condições do meio o permitam, a hiena deixará cair a pele de cordeiro, alva e sedosa, para mostrar com gesto canibalístico as fileiras de dentes aguçados...

Nos espíritos deses entes nocivos subsistem ainda, e subsistirá sempre, os sentimentos perversos que impulsaram e fizeram agir os negregados membros do Santo Ofício.

Alinda em pleno século XX a alma destes monstros é a mesma dos que inolamaram a divina Hipatia nas ruas de Alexandria e ofereceram seu corpo ao escarnio horripilante da turba fanática! E a mesma dos que fizeram queimar na fogueira apóstolos da liberdade como João Huss, Giordano Bruno e milhares de outros! As plantas daninhas vivem incubadas no solo em estado latente, e prontas ao florescimento, assim lhes permitam as condições climáticas.

O que acontece no reino vegetal, reproduz-se na existência das sociedades humanas. O caso do rigar Abílio Mendes é típico e concorda admiravelmente com nossas asserções.

Prepare-se o povo sergipano para o sacrificio.

A lesma asquerosa já começa a rastejar, corno tendido para a frente, e deixando atrás de si a imundície de sua fribo viscosidade!

Estejam alertas os espiritos livres desta infeliz terra patricia.

Estejam todos prontos para amputar a cabeça do repugnante animal.

Elton Lima.

Celebrando-se um casamento de milionários numa capela, o rico e enorme cortejo caminhava tão lentamente que um dos convidados do fim exclamou: — Neste andar, só chegaremos depois do batismo!

Voltando à carga

O seu texto aniversário da presente fase, decorrido em 16 de outubro, atravessou o A Lanterna com a sua publicação suspensa.

Foi uma interrupção de tres mezes, após quatorze anos de existência e seis de aparecimento contínuo, sustentado por muitas boas e más condições de vida para cuja defesa surgiu na arena jornalística.

E esse, infelizmente, um facto bastante comum na vida das publicações do caracter desta folha.

E é natural. Combatendo contra todos os potentados e exploradores do povo e não contando com outra renda que não seja a ajuda dos seus partidários, pouco pontos e sempre para porquê vem do trabalho, as suas condições são de perenes embargos: vivem do que recebem dia a dia.

Um contra tempo de maior monta pôde determinar a interrupção.

Foi o que aconteceu a Lanterna. A não ser um breve período mais ou menos folgado, todo o demais tempo foi um lutar diuturno, de vezes desesperado, para conseguir pôr o jornal em circulação.

Acumularam-se, porém, dificuldades sem conta anterior a sua situação de tres mezes.

Como se vê, foi um breve armistício, mas não pôde durar mais de alguns dias, e a circular por este país alor, fugando os tufões de todos os matizes, exploradores e tiranicos, e a pregar a falange sofrida dos ideais de revolução social.

Modificar-se-ia, então, a sua situação? Infelizmente, não é bem isso o que podemos afirmar. Consequências apenas vencer as poucas possibilidades permitidas.

Não nos podemos conformar, entretanto, com a suspensão do jornal. A sua publicação era agora, mais do que nunca, indispensável.

E aí o tempo correu com qual recurso? Unicamente com aqueles que lhe dão de vir o auxílio dos seus leitores.

* Não é preciso, portanto, dizer mais. Nós estamos dispostos a dedicar-lhe o mesmo esforço, com que o fizemos vencer os anos anteriores. Pretendemos-lhe o tempo que nos deixar o trabalho para a galia-pão cotidiano.

Que cada qual nos auxiliasse com o voluntário dever e A Lanterna poderá levar a cabo a sua tarefa benfazeira.

O aparecimento semanal da folha será reanunciado logo que tenhamos recebido os compromissos que a sobrecregaram. Por enquanto irá sendo quinzenalmente.

A nossa redacção provisória continua a ser a rua 21 de Abril, 61, onde Edgar Leuente poderá ser encontrado das 12 às 10 horas.

E' de toda a conveniência que a importância das assinaturas nos seções de política, economia, cultura, e de outras, interessando a todos, seja feita a publicação de um grande parte das cobranças com as suas enormes despesas.

Tudo aquilo que remeter directamente para o nosso endereço a importância de uma assinatura anual, receberá com o primeiro número do correio, o interessante romance *Noli me tangere* (No pait dos frades) e os esmaltados folhetos *Entre camponeses* e *Catecismo ateu*.

Pela Mogiana. O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha está percorrendo as localidades rurais, recolhendo com o primeiro número do correio, o interessante romance *Noli me tangere* (No pait dos frades) e os esmaltados folhetos *Entre camponeses* e *Catecismo ateu*.

De cobrar as assinaturas e consequentemente o numero dos assinantes e que ele seja o primeiro número do correio, o interessante romance *Noli me tangere* (No pait dos frades) e os esmaltados folhetos *Entre camponeses* e *Catecismo ateu*.

E' preciso, pois, que todos os amigos o auxiliem.

DEUS E A GUERRA

O Kaiser e os outros monarcas invocam constantemente a divindade e com um com sua protecção para lhes assegurar a vitória ou explicam com o seu favor os triunfos parciais. Deus está connosco! pretende cada um deles.

Também em 1870 succedeu o mesmo. E o conhecido jornalista católico Luis Veuillot escrevia em 14 de agosto de 1870: «Armas ha que Deus não tirará e que não dará ao inimigo: temos a Virgem e a Eucaristia».

Em 21 de agosto do mesmo ano escrevia: «Através dos seus esquecimentos, uma coisa há de que o povo de França não se esquece. Deus a Deus padres. Deus deu-lhe soldados. Elevou a Deus templos; Deus conservou-lhe a seu territorio. Pelos seus missionários, mais do que outro povo, quiz conquistar a Deus nações: Deus dar-lhe-á vitórias».

Sube-se agora a efficacia das armas divinas (a Virgem e a Eucaristia) e o poder de Deus para defender o territorio e dar vitórias...

Verdade seja que os governantes falam em Deus, mas vão depositando a sua confiança no numero de soldados e na abundancia de armas e munições.

Fia-te na Virgem...

DA PORTA DA EUROPA Santa Bárbara, patrona dos mineiros

A IGNORANCIA E A SUPERSTIÇÃO COMO INSTRUMENTOS DE EXPLORAÇÃO — O SEGURO DOS OPERÁRIOS NA COMPANHIA DE DEUS & FILHO, POR INTERMÉDIO DA AGÊNCIA DA SANTA — ENTRETANTO, O ESCRIVO EM DEUTEROCIDIO DESPERTA

Os mineiros de S. Pedro da Cova, no concelho de Gondomar, não longe do Porto, fizeram não ha muito tempo, uma greve que trouxe à supuração muitos factos interessantes do seu viver e do modo como são explorados pela Companhia.

Primeiro, a mesquinhez das famas e vergonhosos dos salários: por oito horas seguidas, sem descanso, de penosíssimas labutas no fundo do poço, para trabalhar de carvão 8 ou 10 carros, em vez dos 4 ou 5 a principio exigidos, dois vinténs ou dois vinténs e meio, namoraria dos casais! Fora da mina, duas horas de trabalho.

Depois, completo desprezo, por parte da empresa, pela vida e segurança dos trabalhadores, dando-lhes desmoralizantes em virtude dos maus reveitamentos de madeira. E como há uma lei dos accidentes no trabalho, a Companhia trata de se furtar com mil subterfúgios e com a sem-cerimônia dos poderosos ao pagamento de pensões aos órfãos e viúvas, comprando a aquiescência ingenua de algumas destas com magras indemnizações.

Um dos traços mais significativos desta horrível e desvergonhada exploração do esforço humano, para elevação de dividendos e enriquecimento de parasitas, está na maneira como é utilizada a ignorância, a superstição religiosa dos desgraçados mineiros. Os dirigentes suavizam os seus modos e palavras brutais para com os servos da mina, arranjando-lhes paternalmente uma protecção poderosa, aliás camuflada com os escudos vinténs dos protegidos: a milagrosa protecção de Santa Bárbara!

Todos os anos é descontado aos mineiros um dia de salário para celebrar com pompa a festa da padroeira!

O salário é insignificante e ridículo? O trabalho é exaustivo e assassino? Morre-se de fome e de fadiga?

— Santa Bárbara nos valha e nos ampare! Santa Bárbara interceda no paraíso para os nossos pecados sejam esquecidos os grandes tormentos que a Companhia nos brandosamente nos inflige, com a caridosa preocupação de nos fazer ganhar o céu! Bem-dita seja ela! Bem-dita seja tu, santa milagrosa!

Dentro das minas não se tomam todas as precauções necessárias para garantir a vida e a integridade física dos escravos?

— Santa Bárbara nos proteja contra os desmoronamentos, ou pelo menos nos faça depois a graça celestial de amparar os nossos órfãos e viúvas!

Economia engenhosíssima! A empresa segura os seus operários na poderosa Companhia de Seguros Deus & Filho, por intermédio da agência da Santa Bárbara, deixando o pagamento do prémio aos interessados e despendendo-se por essa forma de mais incomodos.

Entretanto, o escravo embrutecido desperta. Principia a desconfiança da influencia amparada de Santa Bárbara e suspeita vagamente de cumplicidade com os gerentes e capatazes. Agentes do demónio murmuram-lhe ao ouvido, nas trevas infernaes da mina, trovando a forma de campanheiros de labuta, algumas palavras diabólicas de revolta, incitando-o a recorrer a outra santa — a associação — e a outro processo de obter milagres.

A empresa, graças à vigilância dos seus anjos da guarda, tem conhecimento dessas manobras de Satanás e resolve extorquer os seus agentes. Os fomentadores de desordem são despedidos — e a greve estala com todas as reivindicações do momento.

A Companhia alega as circunstâncias presentes e o facto de ser o carvão um artigo de primeira necessidade; mas não é para ceder às mínguas reclamações dos operários: é para considerar inexplicável a revolta destes e requerer que eles se submetam!

Enfim, ao cabo de poucos dias, os grevistas alcançam uma vitória parcial. Santa Bárbara, que desta vez era invocada pela Companhia em maré de trovada, fez como sempre ouvimos de morder do diabo.

Não há como as lições de coisas para destruir nos trabalhadores a fé nos santos do empirio, transformando-a aos poucos em confiança no esforço próprio, na união e na acção directa.

O que não vai reconhecendo o certo não tem o ouvido e baixando os olhos para os músculos dos seus braços e para a solidariedade natural dos seus iguais.

Neno Vasco.

Fia-te na Virgem...

Não, leitor, que eu seja incredulo! Para longe o agouro! Eu sou o mais devoto dos crentes; creio em ti, creio em mim, creio em todos os deuses de sala e creio até, leitor, na crise, na crise danada que me faz andar à roda nestes tempos de grossa pendura.

Pois, leitor, eu não sou incredulo mas descreio de que um santário lá da corte celeste se lembre de um pobre mortal deste vale de lagrimas; descreio porque já a minha pobre avózinha perdeu muito viçoso lá na família — para que este mundo lhe saísse um belo rapaz e de muito juízo e eu no entanto como belo rapaz lhe saísse de muito juízo e como filho de juízo saísse um belo rapaz. Mas, não foi para isso que eu aqui vim. O caso é outro.

O Brete, chamando Brete, é um estudante de direito, mas como tal é torpe. Não estudou nem a mão de escrever, nem a de ler. É um estudante assim ainda muito jovem, pequenote e de uma porção de botões de alegria na face. Mas não estudou.

Um dia, porém, ele já não queria saber da amavel companhia e tentava passar, pois aqueles homens velhos, que não os tentos, já se lhe estavam tornando inspidos. Vai lá e uma orquestração foi prometida à Virgem lá das alturas.

No dia 1.º de este, quando tudo pôde fazer barulho dava sinal de entrada no novo, este se acasou no fim encontrar à porta da igreja de S. Efigénia, eu, e mais um meu estudo.

Que belo, leitor! Mais-noite, as ruas inteiramente movimentadas, os bonhes que passavam repletos, o Brete corria de mãos ao peito, e de joelhos no cimento frio e eu, com a mão esquerda no cotovelo direito e com a mão direita fechada voltada para cima, assumia uma pose de... São Francisco...

Os exames porém, vieram, e o Brete ficou. Mais duas bombas o prenderam na vala comum do primeiro ano.

Leitor, eu também sou aqui da Academia, mas não tempo para as promessadas da avó, que estas também podem fazer bem com um pouquinho de pestanas queimadas, que os meus exames também saíam. Não, leitor, isto: nunca te fies na Virgem... quando barbad como eu sou, sem primeiro tomar um pouquinho de cautela e caldo de galinha, que não fazem mal a ninguém, e... pestanas queimadas, se foras estudante... Vê o Brete...

Alcindo Barroso.

NOTA ALHEIA

O vespertino da desta Paulelita famosa A Plática, saindo-se fora do sério, publicou esta notissima que vale a pena de ser lida, sobre a virgindade do padre Faustino:

«A palavra "leis" é igual a zero. Não se admitem. Prova-se isso matematicamente do seguinte modo: A palavra "leis" tem 4 letras e "1" é a 1.ª letra do alfabeto, o "2" é a 2.ª, o "3" é a 3.ª e o "4" é a 4.ª. Somando 12 mais 5 mais 19 encontramos 45; tirando a prova dos nove verificamos que 4 e 5 são 9. Portanto "leis" é igual a zero. Está concluído».

UM VIRGEM E SANTO... S. REVERENDÍSSIMA DEFLOUQU UMA MOÇA

De Ribeirão Preto para o Rio Pardo

Recebemos a seguinte carta, que publicamos para maior gloria do Padre Elmano:

«Ribeirão Preto, 17-12-915. Sr. redactor da A Lanterna:

Na qualidade de constante leitor do seu apressado semanario, venho trazer ao seu conhecimento um crime, muito comum entre a clerecância, praticado nesta cidade. Trata-se dum defloramento dum moço, filha dum familia muito conhecida pela sua loucura religiosa, por um sacerdote representativo do não menos louco Jesus, conforme prova o sabio medico francez Dr. Binet Sangle.

Desta vez o deflorador foi um muito puro e famoso padre que, para cumulo da pouca vergonha e escarne, depois de ter satisfeito os seus instintos libidinosos, foi nomeado vigário de uma outra cidade, onde — maior infamia! — foi recebido com todas as honras! — Um seu admirador.

A essa moça e a sua familia resta agora o recurso de uma queixosa ao bispo...

Os padres são tão bons, tão puros e tão inocentes, que devem merecer a confiança não depositada. Quem não se quer molhar não sai a chuva...

EM VOLTA DA GUERRA

UN PROTESTO DA "INTERNATIONALE DE LA LIBRE PENSEE"

Como encaramos a situação

A A Lanterna foi endereçado o seguinte apelo, que transmitimos aos nossos leitores, acompanhados das observações que ele nos sugeriu:

* Caros amigos,

Para protestar contra a agressão teutonica à custa da liberdade e do principio de nacionalidade, para demonstrar toda nossa simpatia e toda nossa solidariedade para com a heroica Belgica tão duramente atingida por uma guerra scelerada; para com a França que está a sangrar a vida, a liberdade de pensamento; para com a Inglaterra e para com todos os outros povos que estão ameaçados pelo raio do novo Deus teutonico; nós invocamos a adesão dos nossos amigos e das organizações federaes da "Internationale de la Libre Pensée".

A circular aqui junta, que foi redigida pelo prof. Giuseppe Sergi, é a qual estão unidas numerosas adesões, não enviadas nos nossos adesões da Belgica e da França em testemunho de nossa solidariedade fraterna e do nosso protesto de principios de liberdade e de nacionalidade.

Se vós a approvades, dignai-vos enviar-nos prontamente vossa adesão e as das diferentes associações que tiverdes podido obter no vosso país. Recebei nossos agradecimentos e nossas saudações fraternas.

Roma, 19-15. Pello Conselho Geral. Reggiani.

A nossa opinião sobre a horrível hecatombe que está desagrando no mundo é bem conhecida: nós somos irreductivelmente contra a guerra entre povos, como ela e pretexto que tomar.

Uma unica guerra admitimos: a do povo oprimido e explorado contra os potentados opressores e exploradores. Mas nullo luto os nossos patricios estão aqui e além das fronteiras convencionais, e os estrangeiros nossos inimigos podem também ter nascido, como nós, sob o Cruzeiro. Aqueles são os pobres e estes os argentinos.

Não tomemos, portanto, partido nesta peleja horrenda. Não nos fazemos propagandeiros desta ou daquela pátria: estamos com o povo de todas as nações, arrastado, a força, para os campos de batalha, e contra todos os governantes, porque foram eles que prepararam, para satisfazer as suas ambições, a confagração. O nosso protesto atinge a toda essa casta, e a nossa solidariedade abraça aos infelizes todos sacrificados pelo crime hediondo da burguezia universal.

Deveis notar que os filhos dos potentados não são, como os vossos, celebrados a festa da "Independência do Brasil", alinhados como soldados obedienciais a vossa consagração, expostos ao sol no campo de futebol do Parque Antártica. Eles estavam em companhia dos tiranos, repulados nas arquibancadas, e todos os confortos e ao abrigo da sua forte de um sol de fogo.

As crianças, com as suas familias, reservaram-se os melhores lugares no Parque.

Essas tinham cadeiras para se sentarem e os outros tinham que se aborreceram a solidão.

Isabel Corratti.

AS MAIS PROLETARIAS

A vós, mífis, é que me dirijo nestas linhas. Vós que crias os vossos filhinhos com tanto amor e devoto e que, no entanto, não hesitais em permitir que os potentados fassam deles instrumentos doces de seus mesquinhos caprichos.

Se vos fosse permitido assistir a celebre festa civilisacional realizada no Parque Antártica, no 7 de setembro, onde a entrada para os lugares distintos só era permitida a cor-de-pálida, certamente vos sentiríeis indignados contra os carrascos de vossos filhos, desses pequeninos seres de sangue de vossos sangoceros e raíria, certamente vos sentiríeis indignados contra os carrascos de vossos filhos, desses pequeninos seres de sangue de vossos sangoceros e raíria, certamente vos sentiríeis indignados contra os carrascos de vossos filhos, desses pequeninos seres de sangue de vossos sangoceros e raíria.

Imaginal todo aquele bando de crianças expostas à inclemencia de um sol ardente, como foi o dia 7 de setembro, quando os filhos de Deus guardam as suas delicadas cabezinhas nas leves gorilhas de setenta brancas, enquanto os carrascos do povo divertiam-se apreciando o belo quadro formado pelas pobres crianças.

Sobre essa festa assim se expressou o matutino burguez de O Estado de S. Paulo:

«As crianças todas de branco, e os auxiliares todos de preto, e as inscripções a ouro, inscripções mais douradas ainda pelas luzes de um sol de fogo a irradiar-se inclemente das alturas, para maior beleza do quadro e tormento da criança. O espectáculo era realmente belo!»

Mais, compreendéis bem? O espectáculo era realmente belo... Que inscripções a ouro, inscripções mais douradas ainda pelas luzes de um sol de fogo a irradiar-se inclemente das alturas, para maior beleza do quadro e tormento da criança. O espectáculo era realmente belo!»

EVITEMOS

O ALCOOL

Como é triste e lamentável a vida cheia de vícios a que a maior parte do povo, principalmente o operário, se atira em sua inconsciência de pária sedento de prazeres! Os carceres reorganizam e nos hospitais não há mais vaga! Mas quem são os responsáveis de tais desgraças?

Decididamente, não podemos hesitar e a resposta é dura: de tais crimes só podemos responsabilizar aqueles que, dizendo-se representantes do povo, levam o tempo a sancionar leis que são arrojadas ao cesto dos papéis inúteis ou só servem para o trinar, deixando-nos num mar de impostos, esquecendo assim e atirando aquele cujo esforço eles exploraram para galgar o poder.

O Brasil, que pretende fazer parte do concerto das nações com pompa de civilização, é onde justamente com mais frequência se desenrolam cenas dolorosas de tragédias bordalesas, nas quais tombam vítimas pelo punhal assassino, infelizes meretrizes, que hostem eram operárias honradas pelo trabalho, e, acossadas pela fome e perseguidas, talvez, pelas promessas de seus amos, caíram na armadilha de um falso amor, que as arrastou à lama da prostituição, trocando desta forma o trabalho da fábrica pelo horroroso lodal do lupanar.

Quem são os responsáveis de tais crimes, que é como se os pode classificar?

Aqueles que, desde as culminâncias do poder legislativo, em vez de zelar pela educação da infância, a deixam crescer na ignorância mais abjecta, entreguem ao mais negro analfabetismo, ao mesmo tempo que, como espírito denegrido de fascinos, negociam grandes empréstimos esterilizados que eles esbanjam no sustento da tal supramacia nacional e de suas amantes. Não reparam, porque não querem reparar, nas condições económicas do povo, de que se dizem representantes e que pelas ruas e praças andam exibindo a sua miséria: aqui, uma mulher cambaleando cheada de fome e álcool; ali, uma criança entre esbarrões conduzida para a rua, onde entra pura e inocente para sair convertida em ladrão ou assassino.

Onde está o mal?

Quem são os culpados?

O mal está na pessima organização desse regimen burocrático-capitalista que há longos anos vem dirigindo os destinos dos povos — o Estado. Seja ele republicano ou monarchico, é no Estado burocrático que se encontra o mal que faz do homem uma fera e da mulher uma prostituta. São eles, os legisladores burocratas que das culminâncias do poder forjam leis e mais leis reprimindo a delinquência, deixando livres e sem travas as causas primordiais do grande mal — o povo explorado no trabalho e envenenado na taberna.

Live a corrupção, pois o vicio faz parte da civilização burocrática, é fruto do carcere que atiram os belos frutos de sua obra nefasta.

O culpado é o povo que sua, somos nós que não nos sabemos opor com a nossa força organizada contra tantas infâmias, que consentimos em não deixar explorar pela canaleta sugadora da riqueza social sem nos revoltarmos; nós, os que na taberna procuramos nos envenenar para esquecer as nossas maguas, afogando em álcool os nossos sofrimentos, esquecendo a família e a nós mesmos, que, cegos e entorpecidos, não vemos o filho do snório que, como gavião de afiadas garras evasocando em volta de um pombo, ronda a porta do lar em miserita perseguição, com falsas promessas de amor, as nossas adoradas companheiras ou as nossas castas e inocentes filhas, que, rendidas pela fome, se atiram aos braços libertinos de hediondos salafraios que as prostituem, atirando-as ao lodal do vicio.

O mal está no Estado, está no regimen burocrático, mas os culpados somos nós que não

reagimos. Mas onde encontrar o remédio?

Na Revolução Social, por meio da qual derrubaremos os poderes oligárquicos que nos regem e que são os únicos causadores das misérias que hoje flagelam nossos lares, continuando ele em sua obra se não nos erguermos como um só homem, num gesto energico e decisivo e dizermos — basta!

Organizando-nos, recorrendo ao sindicato de classe e abandonando os divertimentos da taberna que trazem sempre consigo as causas da delinquência, tristes epílogos que começam na orgia e na embriaguez, acabando por nos trazer a morte ou arrastando-nos ao carcere. Só no sindicato nos poderemos conhecer, estimar, concretizar as nossas aspirações e prepararmos para reaver o que nos tem usurpado a burguezia com suas leis dominadoras, e implantar uma sociedade nova, igualitaria e livre, onde tudo seja de todos e não exista amor, onde o amor imperde todos trabalhos; onde, enfim, não haja carceres, porque não existirem criminosos.

Combater a burguezia, derubar o Estado com seu cortejo de leis — eis o meio a pôr em pratica para opor uma barreira decidida à degeneração que devastou a família mundial, pondo assim um freio à corrupção, que hoje esfacela a especie humana e cujos frutos degenerados vemos por toda a parte.

Santos, 1915.

Manuel Perdigão.

RAMALHO ORTIGÃO

UM DILETANTE LITERARIO COM GRANDE TALENTO

Registrou-se, há pouco, o facilecimento do illustre escritor Ramalho Ortigão, após dolorosos e demorados padecimentos e numa idade avançada.

A figura que assim desaparece é bem conhecida no Brasil e ninguém decerto ignora o papel importante que ella desempenhou, a funda influencia que ella exerceu na literatura e nos costumes portuguezes. Este homem de grande estilo na toilette e na escrita, como escreveu, ao caricaturar, o Rafael Bordalo Pinheiro — as sumiu, sobretudo como assustador das Farpas, attitude que pareceram revolucionarias, trazendo uma revolta viril contra o Estado e contra todas as convenções sociais.

Finalmente, a revolta agia dentro de limites bem restrictos. Ramalho Ortigão, que não passou dum dilettante literario com grande talento, apenas auxiliou a transição da burguezia sentimental, romantica, c'rotica, idealista do periodo heroico das barbaças e das conquistas liberais para a burguezia pratica, desportiva e realista dos nossos tempos. Os seus argumentos e as suas sátiras polem sem duvida ter aproveitados para outros fins e servir a todos; mas os seus intuitos não iam além do âmbito da sua classe e não tinham um alcance profundamente revolucionario.

Assim, quando depois se viu o panfletario das Farpas, numa berrante contradicção aparente, fazer-se áulico de D. Carlos e aio de principes, defender ditaduras e repressões, nem todos se surpreenderam com a lamentavel decadencia — que, no fim de contas, era mais na elegancia dos gestos exteriores do que nos sentimentos mais profundos da alma.

Um granadeiro de licença, a instancias de sua mãe, foi confesar-se ao cura da sua aldeia natal. Depois de ter pousado o chapéu na chão, ajoelhou-se e confiou todas as suas raptações. No fim, o confessor disse-lhe: — Meu filho, não posso dar-lhe a absolvição.

— Mas porque? pergunta o soldado.

— E' que não tenho os casos reservados, explica o pároco.

— Com mil bombas! brada o granadeiro, erguendo-se e apertando o chapéu; quem não tem a ferramenta precisa, não abre a loja!

VIDA LIBERTARIA +

EM NITEROI

Grupo de Propaganda Anarquista — Movimento: pela necessidade de conjugar os nossos esforços e energias na propaganda do sublime ideal anarquista, cuja diffusão é, infelizmente, bastante diluita, resolvemos fundar um grupo anarquista denominado Grupo de Propaganda Anarquista, cujas sessões se realisarão aos domingos, ás 5 horas, no largo da memoria, Niteroi.

Não nos atemos a uma unica forma de propaganda. Agiremos de conformidade com as circumstancias. E' nosso intento, entretanto, organizarmos uma modesta biblioteca de trabalhos sociais; editarmos e comprarmos folhetos que julgarmos efficazes á propaganda; realisarmos palestras e conferencias, etc., etc., bem como mantermos correspondencia permanente com camaradas e grupos que professam os mesmos ideais.

Assim sendo, pedimos que nos mandem j'rnais, revistas, folhetos, man festos, que possam ser uteis á diffusão das nossas causas, assim como os seus em fereços.

Outrosim, fazemos sentir aos nossos camaradas o imenso desejo que temos em ver todos os grupos e similares ao nosso, afim de que se juncam a fundação da Federação Anarquista Brasileira.

Esta aspiração requer somente um pouco de iniciativa e boa vontade. Saudando fraternalmente os nossos camaradas de todo o mundo, desejamos-lhes:

Saude e Liberdade!

O Secretário, Mario Nelson Belem.

Nota — Toda a correspondencia deve ser dirigida a Mario Nelson Belem, Rua do Celestino, 50-A, Niteroi — E. do Rio — Brazil.

EM S. PAULO

Centro Feminino Jovens Idealistas — Tendo em conta que a emancipação moral e intelectual da mulher constitui uma necessidade para a liberdade do povo e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrução racional e scientifica e da humanidade em prol dos seus direitos e reivindicacões, um nucleo de moças de S. Paulo constituiu um centro com esta denominação que se propõe a trabalhar pelos seguintes fins:

Reunir em seu seio o maior numero possível de pessoas do sexo feminino;

Mentor as mais estreitas e amigáveis relações com todas as camadas da sociedade, tendo em vista a liberdade e com todas as intuições que tenham por fim a emancipação da humanidade;

Criar escolas gratuitas para as jovens que desejem instruir-se;

Criar bibliotecas, editar publicações e fazer propaganda de educação e regeneração social;

Organizar conferencias, festivais instrutivos e recreativos, etc., etc.

Na medida de suas forças, lutando com as mil dificuldades do n'osso meio ainda acanhado, bem como iniciativas e tentativas, e, em todo o tempo em pratica, distribuindo varios boletins, realizando festas, reuniões, palestras, etc.

Orala pusa de vencer os embaraços que tem feito percer tanto os outros centros de propaganda.

A sua sede está na rua da Mooca, 293-A (sobrado).

SANTIDADE DO HISSOPE...

O PADRE DE JAMBEIRO NA BERLINDA

De como se vê que Themis tem realmente os olhos bem vendados...

Não há muito tempo, A Capital publicou o seguinte:

* Realizaram repetidas confabulações secretas o sr. deputado federal conego Valois de Castro com o sr. deputado estadual e director do Comercio, dr. Mario Tavares.

Apuramos que se trata nada mais, nada menos do que o crime de difamação de que é acusado o padre de Jambéiro.

O conego Valois jura que o sacerdote é inocente.

Os politicos do lugar e o sr. Tavares accusam-no.

Sobre esse mesmo sagrado caso recebemos a carta seguinte:

«Sr. redactor da A Lanterna: Levo ao conhecimento de v. o seguinte facto gravissimo: O Tribunal de Justiça, em sessão de 27 de maio de 1915, deu por extinto o recurso crime n. 3.371, de Jambéiro, mandando soltar o padre Victorino Ferreira. Esse padre é acusado de ter difamado uma mulher pobre e desamparada. Está mais que provado que foi o padre o autor do difamação de uma mulher. Segue junto a este um pedaço do Correio Paulistano, para v. apreciar o pelido resumo do crime, e esse pelido resumo favoravel ao padre. Se

v. quizer verificar melhor este facto, dirija-se ao Tribunal de Justiça, cartorio do 2.º officio, e, correndo, por alguns minutos, os olhos nos autos, verá a pura verdade.

O padre Victorino Ferreira é criminoso, está mais que provado, e os seus consas logo minuciosamente.

A noticia do Correio a que se refere o nosso informante é a seguinte:

«Na comarca de Jambéiro, foi denunciado um sacerdote como autor do difamação de uma mulher. As testemunhas, todavia, nada sabiam do facto e apenas o conheciam pela voz publica e pelas narrativas da suposta vítima do atentado.

Em tais condições, o promotor publico opinou por que se arquivasse o processo, mas o juiz foi de parecer diverso e procedeu ao sumario ext'officio, sendo, a final, proferido despacho de pronuncia contra o reverendo, que recorreu dessa decisão.

Quanto á d'voras nos autos, deixamos pelo misivista amigo, deomelha de a fazer porque a julgamos inútil.

A Justiça só tem os olhos bem abertos para condenar os desgraçados seus e não os seus. Os pais, esses são os senhores morais desta sociedade... sublimada...

E temos dito...

Noticia do Correio Paulistano que foram descobertos grandes roubalheiras na policia do Rio e que toda a solda, a prezo no respectivo quartel nesta cidade, travaram luta e feriram-se reciprocamente.

Abotemo-nos e grismos todos: «Aqui d'lei, quem nos guarda dos guardas!»

DE TEREZINA

ALÉM DA SECA... O DIVINO ESPÍRITO SANTO

EXPLORAÇÃO IGNOREL

No actual momento, quando carecemos e plausíveis que imigram dos sertões por efeito da seca encham as ruas de Terezina implorando a caridade de quem passa e os seus transeuntes, sujeitos, pallidos e tremales, regista-se a nota dissonante dada pelo inveja das esmolas conseguidas pelos emolones imigrantes, ordenaram que se desfizesse a sua rua batida e se refizesse a calçada.

Um velho magro e alto, violado de profissão, cantores e tambor, a pomba divina, a vermelha bandeira da liberdade à frente, era o batalhão da segunda cruzada a marchar contra o misero viciem ganho com heilicos batidos em quasi toda a casa, e aqui se organizou um comité magico de socorro e festas foram promovidas pelas nominalistas, os tal exploradores da ignorancia do povo fanatizado arrancavam os ultimos recursos dos famintos.

O movimento dos regelegados não notou nas filhas catolicas. E' o religio de mios dados com o banditismo, que o desenvolvimento da educação, terá que rui!

Faz-se necessaria uma heroica campanha para o extermínio das trevas e a irradiação da luz entre vós, d' explorados catolicos terezinenses, eterna presa dos tentaculos do polvo negro e exangue a se debater nas trevas da religião medieval.

E' preciso luz, mais luz!

Terezina, 1915.

Mac-Mehendrach.

Um dia, o actor Dancourt (1601-1721), já celebre, encontrou o seu antigo professor, o padre J. suite Delarue. O jesuita, a quem não podia esquecer que o seu ex-aluno recusava entrar na Companhia de Jesus, começou a admoestalar por ter escolhido tão mundana profissão. Perdendo a paciencia, Dancourt exclamou por fim:

— Ora adeus, meu reverendo padre, que tendes que dizer a minha profissão? E' quasi a mesma: a unica differença é ser eu comediante do rei e vos comediante do papa.

A guerra europeia é uma

guerra de negociantes

AS NAÇÕES FORAM PRECIPITADAS NA CHACINA HORRIVEL PARA SATISFAZER A AMBICÃO DOS POTENTADOS — TODOS OS GOVERNANTES SÃO CULPADOS

III

Temos pretendido demonstrar com factos historicos, com exemplos gloriosos, de todos conhecidos, que o movel, o motivo, a causa primaria desta hedionda matança que grassa na velha e suposta civilizada Europa, é a necessidade que os governos burguezes tem de satisfazer aos grandes fornecedores, aos grandes industriaes, aos donos das grandes fundições, enfim a toda a casta de parasitas que vivem chupando o sangue do trabalhador, a saia das nações, não trocando em precipitar estas umas contra outras numa chacina canibalesca e internavim contante que diso resulte chorados ganhos, fortunas nababescas, campo aberto a novos assaltos, a novas banditices, a novas roubalheiras.

Vin-se que essas nações que se arrogam o titulo de civilizadas, que bissonam de liberais e de cultas, nada mais tem feito do que invadir povos pacificos e indefesos, e pela força das armas, escravizá-los, exterminá-los, pervertê-los e obrigá-los a produzir em troca de lençóis, de trapos, vermelhos, de vidrilhos e do maldito e abominavel alcool. Foi isto que os europeus trouxeram á America e o que levaram mais recente a Africa e a Oceania, o que não levam a mais parte nenhuma porque o mundo já está todo descoberto e os polos não ha populações susceptiveis de trabalhar e de se embriagar.

Sim, conhecemos bem a obra civilizadora realizada pelos belgas, no Congo; pelos francezes, no Tonkin, na Tunisia, na Algeria e em Marrocos, de sociedade com os hespanhoes; pelos ingleses, na India, na China, na Transval e Orange e na desgrazada Irlanda; pelos americanos do norte nas Filipinas e em Cuba; pelos russos e japoneses na Manchuria, e por muitas outras nações, em mais pequeno ponto, se bem com os mesmos intuitos, por exemplo a obra civilizadora dos italianos na Abissinia e mais recentemente em Tripoli. Mas isto é tudo que se queria chamar, como civilização, diabol! Porfiadamente, civilização de arrocho, civilização do caranguejo, civilização ás avessas que outra coisa não é que o regresso aos mais ominosos tempos de barbarismo, de canibalismo, de vantallismo. E' o paradoxo erigido em sistema, a fantasia velando a verdade, o absurdo levantado á conta de senates, dizer que a guerra é uma guerra em defesa da democracia, da civilização e de outros que tais vocabulos.

Por mais que queiram engodar os ingenuos e os papalvos, por mais que pretendam doar a pilula, os espiritos obsecados, inculcos ou desorientados se deixam levar no engodo, se deixam mistificar.

Esta guerra é tão civilizadora como as guerras que a França sustentou no tempo e sob a direcção de Napoleão, e bandido corra, como tão justamente o Comité o denominou, invadindo a Europa inteira, os estados germanicos, a Austria, a Russia, a Italia, a Espanha e Portugal, dispondo a seu bel talante destas regiões e seus povos, nomeando os seus parentes para reis destes territorios, arrebatando quantos objectos de arte e de valor encontravam no seu caminho, e esvaziando as vilas como em todas as guerras se esvaziaram, porque indicam mesma violencia, incendio, vingança, morte; a questo essential é vencer, não se olha aos meios.

Porque para quem conhece um pouco de historia, esta nefanda confagração europeia, este pesadelo mortifero que persegue a humanidade há mais de um ano, teve a sua genesis, a sua origem nas inimizades napoleonicas, todo este movimento guerrero observado na Alemanha, que explodiu em 1870, dando-nos um ar da sua graça, e que atingiu o supremo apogeu na actual emergencia, pôde-se justamente filiar ás invações napoleonicas.

Mas demonstramos que os estados germanicos viviam socoados e pacificos, trabalhando as suas terras e cuidando dos seus gados, quando os exercitos de Napoleão invadiram

as suas terras, os seus lares, violaram as suas mulheres e filhas, atiraram-se dar leis em casa alheia. Estes povos, feridos por esta afronta, humilhados e veados em tudo que mais queriam, pensaram logo em se desfontar e o que se não faz em dia de Santa Luzia, faz-se no outro dia. Impotentes, pelo momento, de realisarem o seu biblico, «olho por olho, dente por dente», acalaram o desejo de, com o tempo, se desfontarem brilhantemente e foram pensando em se armarem cada vez mais e, após a unificação de todos os estados germanicos, num só bloco, sob a hegemonia da Prussia, não foi difficil realizar a odiosa tarefa. Em 1870, a Alemanha arrebatou á França duas provincias e 5 bilhões de francos e, depois deste successo, era de supor que não pararia no caminho das suas conquistas, antes a victoria lhe serviria de incentivo a emprezas maiores.

De modo que a França actual está pagando dividas velhas e não é para admirar, porque todo neste mundo é um encadeamento. Fugir no dever que o pagar é certo, diz um velho ditado.

E vemos que um discipulo mais eminente de Napoleão foi o actual imperador da Alemanha. Tomou o por modelo e tentou, elle tambem, conquistar o mundo, subjugar os povos, vencer e dominar, como Napoleão tinha desejado. Vemos se o epilogo será analogo.

Mas a mesma França não é inocente na contenda como ella pretende assumir o papel.

Apesar de haver decorrido 45 annos, após ter perdido a Alsacia e a Lorena, havia na França um partido reaccionario, guerrista, que não pensava em mais nada a não ser na «revanche» e que mantinha, por meio duma imprensa reptilica, estas idéias mequinhas de desforra, os orçamentos de guerra e de marinha aumentavam de ano para ano numa proporção assombrosa; os estaleiros navais construíam sempre mais e mais navios para a destruição; as grandes fundições não se cansavam de inventar e construir sempre novos e mais aperfeiçoados canhões; aumentou-se o tempo de serviço militar, passando de 2 para 3 annos; arranjaram-se alianças híbridas como essa com a barbara Russia e com a rapagante Inglaterra, enfim, tudo isto são prognosticos evidentes e irregráveis de que o vulgo estava lavrando e que o vulgo, mais dia menos dia, explodiria em lavas, em cinzas e em morte.

Mas há provas mais conclusivas e decisivas. Existe em Paris o Arco do Triunfo da Estrela, monumento mandado erigir por Napoleão I á gloria dos exercitos francezes e no qual estão gravados os nomes de 886 generaes que invadiram toda a Europa, como tambem as batalhas ganhas por eles e nas quaes os outros povos foram derrotados. E um monumento destes não é uma afronta aos sentimentos pacificos dos outros povos? Não será um motivo de vexame e de humilhação para os países que sofreram as invações, e um motivo de vangloria para os francezes?

E a columna de Vendôme? Não é outro monumento proprio para irritar a dignidade dos outros povos? Não é uma columna construída com o bronze de 1200 canhões tomados pelos exercitos de Napoleão aos povos que estavam invadindo?

Os dois grandes comunistas de Paris a terem d'clarado, quando do cerco feito pelos alemães áquella cidade e da proclamação da Comuna de Paris, como uma prova evidente de que elles queriam mesmo a paz em toda a terra, a republica franceza, derrotada da Alemanha, apressou-se em mandar reergue-la, e lá está ella, no meio da prisa do mesmo nome, a afrontar os sentimentos benévols dos outros povos, a fazer reviver dores, feridas e atrocidades passadas e para as quaes era conveniente o réu do esquecimento.

Não; digam o que queiram todos os interessados da guerra, a verdade é que esta carnicaria tremenda e odiosa não é movida por sentimentos bons, honestos, nobres e puros, mas sim por tudo que há de baixo, de vil, de ruim nos ho-

men que se arrogam o direito de dirigir as nações, de arremear os povos uma contra outra, para que os seus negócios e os de seus apunhaçados não perdicem, não sofam baixa. E a actual guerra é uma fogueira para a qual todas nações contribuíram com a sua lenha. Nenhuma está inocente: todas são cúmplices.

Pinho de Riga.

Diiz um clogramma de Lisboa que os restos mortais do marquez de Pombal vão ser trasladados para a basílica de Belém.

Agora, não deve, pois, causar estranheza que a massad ligetia publica que este "furo". Os restos mortais, em effigie, do Tinhoso vão ser trasladados para o palacio do cardinal Arco-Verde.

Vida Proletaria

Para a acção proletaria deste Estado e, talvez, do Brasil, o momento que atravessamos não é, por certo, dos mais favoráveis.

Bem pouco é o que se faz fazendo em relação a esta obra. A greve da classe não é, porém, a única e a mais importante das dificuldades da hora presente.

Entretanto, sempre algo está sendo feito pelos poucos abnegados cujas energias não se deixam abater com as tremendas dificuldades da hora presente.

A Confederação Operaria Brasileira, que tem a sua sede no Rio, reunindo associações daquela cidade e dos Estados, prosegue na sua obra. O mesmo acontece com as demais agremiações ainda não confederadas.

No Estado de S. Paulo já se trabalham com mais afinco e bastante penalizados que devemos registrar o empenhamento do activo e energico movimento de Santos, que tão boas paginas escreveu na historia operaria.

Em S. Paulo, durante o periodo de interrupção da A. Lanterna, suspendeu a sua actividade a Liga dos Trabalhadores do Brax e Belemineiro, resurgindo, em compensação, a União Geral dos Trabalhadores, com sede a rua da Moeda, 222-A, que está em actividade, já tendo promovido varias reuniões de propaganda e de organização, entre ellas e dos trabalhadores em fabricas de tecidos, que teve lugar no domingo passado, com regular concurrencia, no bairro do Brax. Dela resultou o fornecimento de uma comissao encarregada de tratar de ultimar os trabalhos da organização da classe.

A União dos Cantoneiros, a velha sociedade de resistencia que ainda não sofreu interrupção na sua actividade, vai continuando a enfrentar a ganancia dos patrões. Pena é que a sua constancia não se alle um mais largo espirito sindical, procurando orientar-se na luta de classes que tende a transformação da sociedade com a abolição do salariato e a socialização dos bens sociais.

Para isso trabalharem, certamente, os companheiros das componentes, incorporando-se á fálange do proletariado consciente, que láde se está crescendo e aumentando a sua actividade na grandiosa peleja contra os exploradores e potentados.

SORTEIO PRO- "A LANTERNA"

Um grande terreno

Doado por um amigo para ser sorteado em favor da folha, a \$2000 cada bilhete.

Enviaremos circulares com t das as informações e um certo numero de bilhetes para serem vendidos.

FOLHETIM DA LANTERNA (58)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para "A Lanterna"

SEGUNDA PARTE

Padilha

CAPITULO II

Um consiliabulo

Via com secreto contentamento os acontecimentos prestes a violentarem a vontade ainda hesitante dos chefes comuneiros, constando-os de acção e varrendo nels os ultimos resquícios lialistas. De sejava sobretudo a entrada em scena do povo, grande e anonimo actor das revoluções, cujo impeto, se não fosse retido, podia ser irresistivel.

Davolos levantara-se:

— D. João, perguntou ele, quando tencionava partir para Santiago? Amanhã de manhã, pelas nove horas.

— Muito bem. Fassei o favor de me esportar: viajaremos juntos.

Padilha inclinou-se em sinal de aquiescencia.

Davolos cumprimentou os com-

Azeite para "A Lanterna"

Subscrição voluntaria permanente

Embora tenha a A. Lanterna a sua base de existencia na renda das assinaturas, necessita ella, para que o azeite não lhe falte, da ajuda da subscrição voluntaria, que doravante manteremos permanentemente aberta entre nossas obras.

Do pre-farejado, os jartidarios do jornal devem se esforçar para lhe conseguir assentam, e, entretanto, quando não o possamos fazer, não lhes será difficil correr uma lista ou fazer uma coleta entre os seus amigos e simpaticantes da nossa obra.

E todo aquelle que possa contribuir com alguma quantia, por pequena que ella seja, não se faça esperar: envie-nos a immediatissima pelo correio, em vale postal ou em carta registrada com valor declarado.

Se ha pessoas cujas condições apenallens permitam pagar a importância da assinatura, outras existem, porém, a quem não ficaria pesado, de quando em vez, contribuir para ser reforçada a caixa do "Bombrilho de folha". Assim poderemos mais depressa desenvolver a dos compromissos que a sobressalida, e melhorando a sua fôrma de formas a ela poder corresponder devidamente as necessidades da propaganda.

A's pessoas a quem enviarmos listas pedimos que nos deixem o mais breve possivel com as importancias que conivierem.

Registamos a seguir as quantias que os bons amigos da A. Lanterna já nos enviaram.

As importancias que antecedem os assentados já foram publicadas. São as seguintes:

Lista n. 10, a cargo do sr. Firmino Gomes, do Juá... 12\$00

Lista n. 42, a cargo de João Bonalham, do Braxilândia... 17\$00

Lista n. 3, a cargo de Angelo Visconti, do P. de Caldas... 11\$50

Lista n. 15, a cargo de José Segura, de S. Carlos... 34\$00

Sr. Joaquim Gomes de Carvalho, de S. Paulo... 10\$00

Lista n. 104, a cargo do sr. João Cones, do Braxilândia... 20\$00

Lista n. 93, a cargo do sr. Adolpho Fernandes da Silva, do Acoelito... A. P. da Silva, 34\$00

Lista n. 18, a cargo de José Duarte, 55\$00; José T. 18; Ojaido, 28; Freitas e Braxilândia, 80\$00... 84\$00

Lista n. 47, a cargo do sr. Miguel Spinelli, do Bebedouro... 18\$00

Lista n. 108, a cargo do sr. Antonio B. da Rosa, de Aracaju... 58\$00

Lista n. 41, a cargo do sr. C. J. de Almeida, de Rio de Janeiro... 58\$00

Lista n. 18, a cargo de José Pires, de Botondio, 18; Enrico Ormaldi, 30; Santiago Passal, 18; Domingos Fiancos, 18; Giovanni Segatti, 50\$00; A. Andriani, 30\$00; L. O. Cordo, 50\$00; M. Curdo, 50\$00; Castilho Soares, 45\$00; W. M. Garcia, 50\$00; José Ramon, 50\$00; José Garcia, 50\$00; Michela Cernano, 18; Um porco de espirito, 18; Um anonimo, 18; Inacio Ferreira, 18; Vicente Tedesco, 50\$00; Guglielmo Ferris, 18; Antonio Pereira, 18; Dario Rinali, 18; Um rineante, 50\$00... 15\$100

Sr. José Cernati, S. Paulo 20\$00

SOMA TOTAL... 192\$600

panheiros e retirou-se, não sem que Huerta tivesse com elle trocado rez pedimentos e algumas palavras em vaia. Esta saída não tardou a ser seguida pela dos outros comuneiros.

— Tenho que partir tambem, disse o mais velho José Maldonado. O meu lugar é em Santiago, aonde me chegará por certo a minha comissao de procurador.

Francisco Maldonado levantara-se muito naturalmente para seguir o irmão. Embora não fossem genios, eram quasi tão inseparaveis como Castor e Pólix e pareciam constituir ambos um só ser, com uma ditterença: Pedro, pelas suas funções electivas, era mais inclinado a falar e Francisco mais propenso a bater-se.

Quanto a mim, disse Zapata, tenho de voltar para Madrid.

— Como! disse Padilha, vindo: todos deo deixam-me assim? Espere, pelo menos, que vós ambos seais meus hospedes até amanhã de manhã.

Voltara-se para Huerta e Bravo, o primeiro dos quaes fez um gesto amigavel de recusa que assonbrou o moço cavaleiro.

— Como! murmurou elle, tambem vós, meu digno amigo? Teria contra mim algum motivo de queira?

— E' claro que não! protestou Huerta.

Não podia, na verdade, guardar rancor a Padilha pelo facto de este, seguindo os impulsos do coração, ter despedido Maria Pacheco. To-

BILHETES E RECADOS

Rio — Macedo: Mito á obra... "oca p'lo pau". Retomamos a offensiva com uma gana... Do setor carioso confiamos-te o comando. E tu tratarás de levar a cabo um rápido movimento evolutivo aos assentados e vendedores, impondo-lhes uma contribuição de batalha... Coragem, porque como sabes, somos os enviados do Padre Eterno...

— Lacerda: Cá estamos, vivinhos da silva. O surto fôgado já não estava encerrando. Lembra-te de que de "lanternario"...

— G. A. Meneses: Publicaremos o artigo. Aceitamos a colaboração illustrada.

Santa Maria — F. M. Guimarães: Abraços ao novo soldado da revolução. Contamos com o prometido, agradecendo-te antecipaadamente.

Pelotas — T. Costa: Saudamos o antigo auxiliar da folha rebelde, pedindo-lhe comunicar-se conosco sobre os assentados dessa cidade.

Teresina — Mac-Mohdrach: Contamos com a sua ajuda para conseguir a divulgação do jornal nessa cidade. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

Cáceres — Marquez de Pombal: Com o auxilio do amigo, A. Lanterna poderia estender a sua circumscripção. Gratias lhe ficariam.

Florianopolis — C. B. R. M. Al: Aí vai a resposta ás suas cativas cartas. Temos recebido o valente O. Cláudio.

Porto Alegre — Pitagoras: Neste numero, tera a explicação da falta de regularidade na nossa correspondencia. Os embargos foram tremendos. Vamos escrever á pessoa que teve a bondade de nos indicar para nosso agente nessa cidade.

Corinthianos — M. M. L.: E preciso que façam o possível para nos satisfazer. Sabes que devemos fazer o mesmo com os fornecedores.

"A LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAPIRE CURRUPETI, largo do Rio, 39

Rua doador de 84, 43, esquina da rua Visconti de Rappachy, engrazate

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do governador, 78, agencia do sr. Brax Lanterna.

Esqueço Central, com o sr. Paschoal Mano.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Braxno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, esquina da rua do governador, 78, agencia do sr. Brax Lanterna.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 106, engrazate.

Em politica, já não temos ilusões. Das fins do seculo passado até hoje, a politica de todos os regimens é, em toda a parte, a arte mequinha de enganar o povo, com mais ou menos habilidade, desta ou daquela maneira. O povo tem o perrebe, e, por isso, cada vez tende mais para a solução radical do socialismo, que a uma dada achar uma formula universal para realisar as suas aspirações. — Dr. Julio de Mesquita. (Director d' O Estado de S. Paulo).

ENTRE CAMPEONES

de Errico Malatesta

500 exemplares... 6\$300

300... 4\$300

100... 1\$300

50... 75\$00

Avulso... 300

CAPITULO III

Onde se vê reaparecer Santaluz

Esquante os comuneiros reunidos assim discutiam a situação. Maria Pacheco atravessava a cidade a pé, acompanhada por uma das suas aias, em direcção á catedral.

De saude delicada, caminhar era para ella, na opinião dos medicos, um exercicio favoravel. Por isso o taxiella todos os dias, durante uma hora pelo menos: a jovem esposa parecia apresentar que iam em breve sobrevir acontecimentos nos quaes ella necessitaria não só da sua energia moral, mas tambem de forças físicas.

Do seu lado, Padilha não achava que uma mulher casadissima e ovelha rigorosa de ficar presa no lar. Con-

UMA PRAGA FRANCISCANA

A fradalhada infesta o

Estado de Mato Grosso

Estupidos e ambiciosos — Cavapões fartos e bebados — Em que consiste a tal fraternidade deles — A fomen do mesmo bicho tambem ago — E o povo é quem paga tudo...

A praga de "gafanhotos" está cada vez mais aumentando neste Estado.

Ha 8 anos atrás, appareceu por aqui uma meia dúzia de caricatos franciscanos, hoje temos mais de um cento desses inimigos da humanidade e do progresso.

Ultimamente, em Cuiabá, a franciscanada urdiu uma intriga que repercutiu até nas secretarias do Estado, dando lugar a demissões injustas por parte do novo presidente que, talvez mal informado, tem espalhado cortezias ás matos cheias aos frades de saia e d' cascaca.

Em Juizabá, a corja franciscana chegou ao ponto de se ter entribeirado, desbandando desse modo a população cuitabana que lhes deu agasalho e lhes encho o bandalho.

Presentemente, neste Estado, pôde se dizer, é a época dos frades.

Ambiciosos por dinheiro e por posições, entenderam agora de arvorar aqui um bispo, um dr. (J) Galibet, que foi recebido nesta cidade como antigamente se recebiam os capitães generaes.

Aqui chegou o soi-disant bispo, um cavador, não tem taltado quem não queira ver-lo, beija-lo e aprece-lo.

O que muito me admira é ver o povo, nestas crises que se tem feito sentir por toda a parte, receber alegremente estes individuos que não são uteis a coisa alguma, porque os franciscanos nem ao menos se dedicam ao magisterio, como fazem os salesianos.

Agora, entre os franciscanos, de com tira-se um que sabe alguma coisa. A proposito, ainda agora, na matriz desta cidade, um dos tais franciscanos fez um sermão tomando por thema — "A Pá". Querem saber o que disse semelhamte animal diante dos catholicos e catolicas?

Aí vai um pedacinho do sermão: — "Mês carissimos irmãos!

A Pá é um pan fiteado no buraco, quanto mais rôta, mais duro fica."

E que tal? destes pedacinhos do ouro apparecem todo o dia, porém, o autor destas linhas não tem o prazer de os ouvir, porque não frequenta o balcão da igreja e só do quando em vez é que pôde colher alguma informação, sempre incompleta.

Falemos tambem das madres, isto é, das freiras.

Elas sempre andam aos pares; quando por aqui chega um frade, não demora que logo venha uma madre. Assim é que já temos aqui a parte de uma dúzia de gaiivotas.

Elas não são menos ambiciosas e astutas do que elles, senão vejamos: As freiras fundaram aqui um collegio de meninas, e, sem nada

trariamente á imensa maioria dos seus compatriotas, cujas f' catolicas era enxertada em esculhas arabes, elle entendia com firmeza que todos os seres humanos, sem distincção de sexo, tem direito ao sol, ao ar livre, á liberdade.

Nessa mulher, porém, que andava com passo seguro, embulhada numa comprida capa cinzenta, de tecido simples, e com o rosto meo escondido pela mantilha, ninguém se lembraria de reconhecer a filha do marquez de Mondajor, esposa da primeira personagem de Toledo.

Por uma concessão forçada ao espirito da época, não andava só no deldão da velha cidade. Mas não era absolutamente a respeitavel D. Dolores que a acompanhava. Maria, que a tagarelou pueril da duferia fatigada, tinha-a, não despojado, meida arca, mas elevado á lindeza das funções do intendente, que a assistavam um pouco da sua pessoa.

Era uma jovem e intelligente segoviana. Linda Ruiz, quem caminhava ao lado de Maria. Par amigavel, no qual seria difficil, á primeira vista, distinguir a ama da filha, pois que, despidas uma da arrogancia e a outra de servilismo, conversavam livremente, como duas camaradas de condições iguais.

Era frequentemente a catedral o alvo dessas saídas: Maria gostava de rever o edificio onde ella fôra solemnemente unida ao homem eleito do seu coração. A sua fé no futuro avivava-se com o recordado co-

movente desse formoso dia em que a vez poteros dos orgaos, acompanhando o caminhar dos dois nels para o altar, como dos nels do céu, respondendo á benção do padre. Que acontecimentos, por mais tempestuosos que fossem, poderiam jamais prevalecer contra a protecção do alto pairando sobre a altiva lialidade do amor dozes?

Mas Maria não era só cristã: nella palpitava uma alma de artista, e elle admirava tambem a majestade do suberbo edificio que dominava a cidade com a sua flecha arre-messada para o céu. Fôra o rei Afonso VI que, trezentos annos antes, a mandara construir pelos architectos maneseses no sitio duma igreja primitiva transformada em mesquita. Mestre lanceoladeiro, tinham os constructores franceses criado uma joia sem par, casando a arte gotica com a arte arabe.

A arte gotica, pertencia a catedral pelo seu estilo ogival. pelos seus vitrais e pela originalidade poderosa que animava, no emmaranhado das esculpturas, as figuras e quimeras; á arte arabe, pela riqueza maravilhosa da sua ornamentação e pela disposição das colunas livres. Mas o que sobretudo deslumbrava era o altar-mor com o seu cortejo formigante de nichos, estatuas e baixos-relevos, e essa parte não era gotica nem arabe; datando apenas de vinte annos atrás, reflectia em seus pormenores o genio vivo e ouado da Renascença.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1880

Encomenda á fabrica que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos, são conhecidos em todo o Estado.

Petrola e Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60

— B. Paulo —

Gravidez

Unico preparado que evita sem causar estragos á saúde:

PHILAGINA

Vende-se em todas as drogarias do Rio e de S. Paulo.

PREÇO: Caixa para creas de 15 dias, 7\$000. Para informações: Dr. Theodilo Wolff — Caixa postal, 419 (Rio), enviando 5\$ de sellos.

Aos Lavradores

Não é roçame; é a expressão da verdade

ENGENHO STAMATO

Para moagem de canna, o mais moderno, mais simples e mais economico até hoje conhecido.

Cilindros, sem engrenagens, com salva-guarda para evitar danos. Já foi adquirido por milhares de fazendeiros que attestam a grande utilidade desta importante machina, privilegiada e premiada nas Exposições de S. Luis, Rio de Janeiro, Milão, Turim e Braxelias.

Economia e resistencia garantidas

Enviarmos informações e catalogos a pedido dos interessados

Inventor e fabricante: RAPHAE STAMATO

Fundição e Mecânica: Rua Santa Rosa

Escritorio: Rua do Gazometro, 17

Caixa Postal, 435 — S. PAULO

Coalho Liquido Hally

É o melhor e o mais barato. Uma colher de coalho basta para coagular com litros de leite.

Vendas conditionais: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado acceita-se o video mesmo violado.

DEPOSITO:

Avenida Affonso Penna, 34

Bello Horizonte (Minas)

Escola Moderna N. 1

Grande festa escolar organizada em seu beneficio, a realizar-se a 12 de Fevereiro, ás seis horas da tarde, na dependencia da mesma, á Avenida Celso Garcia, 262 (antigo Grupo Escolar do Belemineiro).

O programa constará de orquestra, conferencia, cantos de hinos, recitativos escolares, quermesse e baile familiar.

— Será possivel, pensava Maria, que tenham de viver escravos de outros honios os homens que levantam tais obras-primeiras? Não; só pode haver para todos um amo e um pai: Deus!

Assim, o seu amor entusiasta da liberdade fundia-se com a sua fé religiosa, profunda, em duvida, mas tendendo a elevar-se cada vez mais acima das superstições correntes.

Neste dia, tinha Maria saído para o seu habitual passeio. Conversando com Linda, tinha subido as ruas que tropejavam para a catedral e, depois de ter parado um instante, diante do pórtico, entrara no edificio, seguida pela sua companheira.

De repente, esta tocou-lhe levemente no cotovello. Maria voltou-se e recebeu logo um choque em todo o seu ser. A dez passos dala e comendo-a com olhos, estava um homem encostado a um pilar e imóvel como uma caridista. Na penumbra das abolidas, a jovem advinhou mais do que reconheceu aquelle que, sete meses antes, tentara violenta-la. Era com certeza elle, o rapto a quem ella, dobatendo-se, putara a mascara e enterrara a face, por um instante apenas, mas pelo tempo bastante para não mais se esquecer d'elle! A despeito de toda a sua coragem, imobilizou-a a surpresa ainda mais do que o terror.

(Continúa).